

USO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA: OLHARES SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR ATRAVÉS DAS CARTAS DE MIGUEL ARRAES

Autor: Lucas Melo da Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / lucas.melo4020@gmail.com

Autor: Luis Felipe de Lima Durval²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / luis_felipe_durval@hotmail.com

Coautora: Prof.^a Adriana Maria Maia dos Santos³

Escola de Referência em Ensino Médio Martins Júnior / dricamaia2010@gmail.com

Orientadora: Dr.^a Adriana Maria Paulo da Silva⁴

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / adrianampsilva@gmail.com

Resumo: Este artigo descreve um projeto elaborado pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de História da UFPE, a partir de nossa atuação na EREM Martins Júnior, escola situada no bairro da Torre em Recife/PE. O projeto que culminou numa intervenção didática foi planejado e executado em turmas de terceiro ano da escola, visando trabalhar o período da Ditadura Civil-Militar brasileira com foco específico em discutir a situação de vida dos exilados políticos do regime. Dada a importância desta temática dentro do ensino de história, julgamos ser fundamental trazer novos olhares para o período, visto que é notório, sobretudo nas redes sociais, a eclosão de discursos nostálgicos acerca da Ditadura. Desta maneira, propomos analisar o fenômeno exílio através do olhar de um exilado, o ilustre político pernambucano Miguel Arraes de Alencar. Trabalhamos com algumas de suas cartas escritas durante o seu exílio na Argélia e levando esta documentação para sala de aula, não pudemos deixar de tratar das problemáticas do documento, destacando a postura do historiador diante deste seu objeto de trabalho. Para tal feito, elaboramos uma aula de 100 min que será descrita na metodologia deste trabalho, mas que buscou apresentar uma história mais humana trazendo o drama dos exilados, assim como atentar para o fato de que nós cotidianamente produzimos registros históricos, destacando o exemplo da carta. A partir do planejamento, execução e replanejamento deste projeto construímos saberes fundamentais para nossa prática docente, além de estabelecer uma relação de afeição dos estudantes para com a História.

Palavras-chave: *Ensino de História, Documento em sala de aula, Ditadura Civil-Militar.*

¹ Licenciando em História (9º Período) pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Licenciando em História (9º Período) pela Universidade Federal de Pernambuco.

³ Professora de História da EREM Martins Júnior-Recife/PE, com graduação em História pela Universidade de Pernambuco (UPE).

⁴ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Federal de Pernambuco.

INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve um projeto elaborado pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de História da UFPE, coordenado pela professora Dr.^a Adriana Maria Paulo da Silva e supervisionado por Adriana Maria Maia dos Santos, professora de História da Escola de Referência em Ensino Médio Martins Júnior (EREM Martins Júnior) localizada no bairro da Torre em Recife/PE. O projeto foi desenvolvido e executado no segundo semestre de 2016 pelos bolsistas Lucas Melo da Silva e Luis Felipe de Lima Durval, aplicado nas turmas de 3º Ano da escola.

A temática da Ditadura Civil Militar brasileira tem despertado cada vez mais interesse nos estudantes, sobretudo pelo momento presente onde as redes sociais têm sido palco de discursos políticos que falam do período como um passado nostálgico, onde a sociedade andava na “ordem” e não havia a criminalidade que existe atualmente.

A Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) teve como uma de suas marcas a forte repressão a grupos e partidos opositores ao governo, instrumentalizada pela edição de Atos Institucionais, que foram instrumentos jurídicos utilizados para legitimar as brutalidades do regime, acarretando em perseguições e práticas de violência física e simbólica. Muitos políticos e intelectuais foram banidos do país por meio de Atos de Banimento, outros se exilaram devido às incertezas daquele momento, foram, aproximadamente, de 5 a 10 mil o número de brasileiros que buscaram refúgio em países como Portugal, Suécia, EUA, México, Venezuela, Argélia, Cuba, sobretudo França e Chile⁵.

Para compreensão deste período histórico, problematizando o senso comum, nossa proposta de trabalhar com o fenômeno exílio durante a Ditadura Civil-Militar deu-se a partir da análise das cartas de Miguel Arraes de Alencar escritas durante seu exílio na Argélia, em virtude do prévio conhecimento que os estudantes da EREM Martins Júnior já possuíam acerca do político, pois o mesmo já fora prefeito de Recife, deputado estadual, deputado federal e por três vezes governador do estado de Pernambuco. Arraes é um personagem significativo para levarmos à discussão dentro da sala de aula, tomando como foco seus escritos produzidos durante o período em que esteve exilado.

O governo Arraes em Pernambuco, no início da década de 1960, era considerado de esquerda. Com a deflagração do golpe civil-militar em 1964 foi considerado subversivo, tendo sido proposto que renunciasse para evitar a prisão, não acatando a proposta foi preso no

⁵CRUZ, Fábio Lucas. **A História e as memórias do exílio brasileiro**. Revista Catarinense de História [on-line], Florianópolis, n.20, p.115-137, 2012.

dia 1º de abril. Com sua deposição, o governador foi encarcerado no 14º Regimento de Infantaria do Recife, tendo sido posteriormente levado para a ilha de Fernando de Noronha, onde permaneceu por onze meses. Em seguida, foi encaminhado para as prisões da Companhia da Guarda e do Corpo de Bombeiros no Recife e da Fortaleza de Santa Cruz no Rio de Janeiro. Em 19 de abril seu pedido de *habeas corpus* foi protocolado no Supremo Tribunal Federal. Feita a concessão, foi libertado em 25 de maio de 1965 e, para evitar novas prisões, decidiu exilar-se na Argélia. É sobre as memórias deste exilado que iremos tratar neste projeto.

Em parceria com o Instituto Miguel Arraes de Alencar (IMA), conseguimos ter acesso as suas cartas pessoais e nosso critério de seleção documental consistiu na opção de registros que possibilitassem uma leitura concisa para nossos estudantes, que fossem relevantes para compreensão do Regime Civil-Militar e que demonstrassem o ativismo político do exilado na realidade brasileira. Em consulta ao acervo pessoal de Arraes, selecionamos cinco cartas que foram escritas: ao Cardeal Benelli, à Callado (um amigo), duas cartas a um destinatário desconhecido e outra a sua filha mais velha Ana Arraes. De maneira geral, estes documentos tratam de pedidos de intervenções internacionais no Brasil, recomendações a afilhados políticos, mas também fala muito da questão afetiva do autor, visto que escreve a pessoas bastante próximas.

Ao levar à sala de aula registros documentais, no caso, cartas, propomos pensar com os alunos as problemáticas do documento: *O que ele diz? Quem fala? De onde fala? A quem se dirige?* Desta maneira, questionando as fontes documentais, pretendemos fazer com que os alunos pensem de forma autônoma, longe das análises prontas e postas como quase que esgotadas no livro didático escolar, mas também que suscitem questões que não estão escritas no registro. Deste modo, o contato, a análise e a crítica documental abrem novas perspectivas para a construção do conhecimento em sala de aula e para aguçar a criticidade dos estudantes.

Eleger uma questão, selecionar registros que tratem do assunto, contextualizar, decodificar e construir uma ou mais versões desse tema são as tarefas básicas desse tipo de trabalho. E, para tanto, cabe ao professor de História, como um bom historiador, orientar seus alunos a lidar com a diversidade de dados, pois são cada vez mais raras as análises históricas alicerçadas por um único tipo de documento. (SAMARA, 2007, p.167)

O trabalho com documentos no ensino de História contribui para que o estudante pense historicamente o mundo, a pesquisa e análise crítica do texto estimulam leituras e releituras dos eventos históricos e, sobretudo, do mundo particular do estudante, de sua comunidade,

levando-os, neste sentido, a compreender o texto como um pretexto para o surgimento de novos questionamentos e problemas. Não queremos formar uma sala de aula de “pequenos historiadores”, como nos alerta Circe Bittencourt⁶, mas propomos, através de demonstrações práticas e com o documento nas mãos dos estudantes, apontar como se norteia o ofício do historiador no seu trabalho com as fontes históricas.

Refletindo historicamente, compreendemos a importância dos registros, como preservação de memórias que estão sempre em interação com espaços ocupados pelos indivíduos. Segundo Paul Ricoeur (2007), a memória é intelectual e sensitiva, ou seja, é composta por imagens que são apreendidas pela sensibilidade e influenciadas pela experiência. Neste sentido, entendemos a memória como dinâmica, sempre estando em contato com novas vivências, novas concepções e locais de leituras do mundo, assim o ato de narrar é sempre algo novo. Embora o indivíduo histórico seja o mesmo, as suas vivências não são.

Através deste trabalho, pretendíamos que os estudantes percebessem a importância do papel da narrativa, sobretudo a figura do narrador, seja aquela identificada na leitura das cartas, nos documentos, ou ainda presente no seu dia-a-dia, pois dentro de suas casas, das comunidades, igrejas, nos ônibus, sempre nos deparamos com pessoas que estão dispostas a partilhar suas experiências e, por muitas vezes, não damos importância. Portanto, acreditamos ser importante que os alunos percebam a figura do narrador nas ambiências extraescolares e seu papel na sociedade.

A análise e estudo da produção de memória através de documentos, como as cartas que levamos para nossa aula, visam estimular no aluno uma maior valorização do seu papel enquanto agente produtor de memória, um tema primordial para o mundo atual, imerso nas tecnologias que nos levam a pensar sempre no presente. Para o historiador Eric Hobsbawm (1995), o mundo contemporâneo vive um *presente contínuo*, ou seja, direcionamos nosso pensamento e atitudes exclusivamente para o presente e esquecemo-nos de nos voltar para o passado, para as memórias do que já se passou e isto causa um esquecimento em nossa sociedade.

Com isso, buscamos mostrar que coisas do nosso cotidiano, como cartas, que podem ser aqui associadas às mensagens eletrônicas da atualidade, podem ser utilizadas como fontes

⁶ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

históricas e que os próprios alunos têm o potencial de serem produtores de registros do seu tempo, desta forma visamos não somente compreender a Ditadura Civil-Militar, mas também instigar nossos alunos a uma percepção da necessidade da presença da História em nossa sociedade.

METODOLOGIA

Para maior compreensão do projeto é preciso caracterizar o contexto para o qual a intervenção didática foi pensada e no qual a mesma foi executada, pois o planejamento de uma proposta pedagógica só adquire real sentido no momento em que os métodos estão em íntima relação com o cenário no qual a mesma se processa. Desta maneira é importante destacar que o projeto em questão foi preparado visando ser executado em turmas do 3º Ano do Ensino Médio de uma escola da rede de ensino público estadual na cidade do Recife-PE. As turmas que trabalhamos foram formadas por alunos que, em grande parte, já estavam estudando juntos por um grande período de tempo, e este dado dará significado ao método utilizado para o projeto em questão. Também é importante apontar que o projeto foi pensando para ser executado numa aula geminada de 100 min, por no mínimo um professor e um auxiliar, sendo possível a inclusão de mais auxiliares, pois existem momentos em que o professor necessita de auxílio para o devido andamento da aula.

Após uma breve descrição do contexto no qual o projeto foi executado é possível descrever a metodologia utilizada no mesmo.

O projeto visava trabalhar a memória como objeto dos estudos históricos, e isto pelo fato de entendermos as cartas como objetos nos quais a memória dos indivíduos se faz presente. Deste modo, no início da aula foi solicitado que cada aluno escrevesse uma carta, ficando livre a escolha do destinatário, narrando suas memórias do ensino médio na EREM Martins Júnior, e neste ponto é que a proposta apresenta seu aspecto particular, pois os alunos das turmas para os quais a proposta de aula foi pensada, em sua maioria, já estavam estudando juntos desde o ensino fundamental.

Logo após os alunos escreverem as cartas foi destinado um tempo para uma explanação-dialogada, na qual o professor apresentava que a carta pode ser entendida como um objeto de registro de memória. Em seguida, foi solicitado que alguns alunos, de forma voluntária, fizessem a leitura de suas cartas para a turma, fazendo assim com que todos

percebessem como as cartas foram escritas de maneira distintas, e, a partir daí, num segundo momento de explanação-dialogada, discutimos sobre como as memórias individuais podem ser construídas de maneiras diferentes, apesar de terem sido supostamente formadas em um lugar em comum, no caso dos alunos seria a EREM Martins Júnior. Também neste momento de explanação-dialogada foi trabalhado com os alunos como o historiador usa de fontes históricas, como as cartas, para a construção de suas narrativas, tocando no ponto referente à crítica documental como instrumento basilar para o uso das fontes escritas.

Os momentos da aula acima descritos direcionavam-se para trabalhar junto aos alunos como a carta é objeto de veiculação da memória e, portanto, como esta pode ser uma fonte para o trabalho do historiador. A proposta do projeto foi abordar o exílio ocorrido durante a Ditadura Civil-Militar, por meio do uso de cartas, todavia, para que os objetivos fossem alcançados era preciso instrumentar os estudantes para o trabalho com as cartas enquanto documentos, por isso todo o trabalho anterior se destinou a preparar os alunos para que posteriormente os mesmos pudessem observar as cartas não somente como instrumento de comunicação, mas também como fontes históricas.

A aula seguiu-se com um terceiro momento de exposição-dialogada na qual se trabalhou o que foi o exílio, visto que já havia ocorrido uma aula anterior sobre o Regime Militar. Logo em seguida, os alunos foram organizados em equipes para que fosse feita a leitura das cartas escritas por Miguel Arraes. Para este momento a turma foi dividida em 5 grupos e cada um equipe ficou responsável por ler, de forma grupal, uma carta e discutir no âmbito do grupo o conteúdo da mesma, de forma a refletir sobre as questões trabalhadas na aula até então.

Terminado o momento de leitura e discussão da carta entre os integrantes do grupo foi solicitado que cada grupo apresentasse a carta que tinha sido lida de forma a resumir o conteúdo principal do texto e discutir sobre o conteúdo da carta, de maneira a buscar entender o exílio por meio daquele documento. Os professores/bolsistas ficaram responsáveis por mediar este momento fazendo intervenções que direcionassem a discussão para assuntos centrais abordados nas cartas e sempre buscando evidenciar a ligação entre o texto lido e o fenômeno histórico estudado.

Esta proposta de aula contava com uma avaliação, entendendo esta como um instrumento necessário à prática pedagógica se caracterizando tanto como objeto de auxílio ao estudante no processo de construção de novos saberes, assim como um meio para que o

professor possa fazer a autocrítica de sua prática. Desta maneira, no final da aula foi proposta uma atividade que consistia em escrever um e-mail, numa tentativa de estabelecer ligação entre as cartas usadas na década de 60 por Miguel Arraes e o correio eletrônico da atualidade. A mensagem do e-mail deveria versar sobre o fenômeno do exílio ocorrido durante a Ditadura Civil-Militar apontando os motivos que levavam as pessoas a saírem do Brasil e como eram suas condições de vida nos países em que viviam. Esta avaliação deveria ser feita em casa para ser enviada ao e-mail da professora supervisora responsável pela turma, no prazo máximo de uma semana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de uma proposta, de certa forma, complexa, seria inevitável que não ocorressem problemas, e eles aconteceram, o que é recorrente na vida profissional dos professores, todavia a prática docente requer atualização e uma contínua reflexão em torno de si mesma, buscando corrigir as falhas e tentando também responder aos novos desafios, pois ao passo que a sociedade está em constante mudança, os estudantes e os perfis das turmas escolares também acompanham este movimento de transformação. Portanto, a auto avaliação é um momento importantíssimo no processo de ensino e aprendizagem, pois é partir desta prática que o professor poderá ter consciência do quanto a sua aula correspondeu ou não às expectativas.

“O professor consciencioso deverá fazer uma avaliação da própria aula. Sabemos que o êxito dos alunos não depende unicamente do professor e de seu método de trabalho, pois a situação docente envolve muitos fatores de ordem social, psicológica, o clima geral da dinâmica da escola etc. Entretanto, o trabalho docente tem um peso significativo ao proporcionar condições efetivas para o êxito escolar dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 243).

É importante destacar que este projeto foi executado duas vezes, uma vez em cada turma de terceiro ano da EREM Martins Júnior. E na segunda execução algumas mudanças foram feitas no planejamento, buscando corrigir as falhas encontradas.

A primeira, e talvez mais importante, alteração feita no planejamento se deu no tocante à organização do tempo da aula, ou seja, algumas atividades tiveram o seu tempo de duração alterado, como por exemplo, o tempo destinado para que os alunos escrevem as cartas com suas memórias acerca do seu percurso no Ensino Médio recebeu um acréscimo tendo em vista que muitos alunos na primeira execução acabaram por demorar mais do que o

esperado para escreverem os seus textos. Em função deste acréscimo, o número de alunos que voluntariamente fariam a leitura de sua carta para a turma teve de ser limitado a dois, o que não estava determinado na primeira execução. Seria muito interessante que este projeto pudesse ocorrer em duas aulas germinadas, porém o tempo destinado à História na grande curricular do Ensino Médio é limitado e esta é uma realidade difícil de contornar.

Outra ação que teve de ser tomada foi a diminuição do número de cartas disponibilizadas e, conseqüentemente, foi diminuído o número de grupos que faziam a leitura do texto. Na primeira execução foram usadas 5 cartas divididas entre 5 grupos, porém uma dessas cartas, pela sua linguagem, ofereceu dificuldade para que os alunos a compreendessem, desta forma a mesma foi retirada e o número de grupos foi reduzido à 4, assim como o número de cartas.

Falhas são inerentes ao fazer pedagógico do professor, porém o projeto aqui descrito não só apresentou dificuldades, mas também pontos positivos, de forma que este pode ser encarado como uma proposta metodológica plausível para o uso de documentos históricos em sala de aula, promovendo uma aproximação do aluno com as fontes históricas de modo a apontar novos horizontes para um ensino de História mais prazeroso e significativo aos alunos.

Um primeiro dado a ser destacado é o que se refere à maneira como os alunos encararam a proposta de escrever cartas com suas memórias sobre suas experiências no ensino médio, pois muitos estudantes deixaram emergir seus sentimentos de modo que a aula ganhou um caráter afetivo que favoreceu bastante o trabalho. Neste ponto é importante refletir como a memória remete ao âmbito afetivo do indivíduo, de modo que a História pode ganhar um aspecto mais humanizado no momento em que é tratada a partir da perspectiva afetiva, todavia também é importante pensar em como a educação envolve o afeto. É necessário compreender que a afetividade está presente de modo muito forte na relação que se dá entre professores e alunos, de modo que é difícil construir um aprendizado efetivo quando não há vínculos afetivos sadiamente estabelecidos, como nos alerta Wanderley Codo:

“É mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino e aprendizagem, onde o significado de conquistar é trazer para o seu lado. O professor precisa de que os alunos estejam do seu lado se estiverem contra ele, funcionarão como obstáculo a qualquer conteúdo a ser assimilado.” (CODO, 1999 IN ZONTA & FERREIRA, 2006, p. 616)

Outros dados a serem destacados como fatores positivos do projeto se referem à intensa e ativa participação dos alunos durante as aulas, o que nos leva a refletir sobre como

um ensino de história que fuja da perspectiva tradicional pode ser proveitoso para proporcionar um ensino prazeroso e significativo ao mesmo em tempo que potencializa os resultados. Analisando as produções dos estudantes obtidas com a avaliação, observou-se que os objetivos propostos pelo projeto foram atingidos por grande parte da turma, o que representa por fim que o uso de documentos em sala de aula no ensino de História possibilita que o trabalho com esta disciplina se torne mais proveitoso, pois não se trata apenas de aprender através das narrativas construídas pelos historiadores, mas sim desenvolver uma aprendizagem em História por meio das próprias fontes utilizadas na produção deste conhecimento.

CONCLUSÕES

Primeiramente é preciso ressaltar que a experiência com o PIBID possibilitou aos estudantes/bolsistas experiências praxiológicas com o trabalho docente que certamente não teriam durante sua formação na universidade sem a existência deste projeto, a lida diária na escola nos fez compreender que o ensino de História deve ser sensível para atender as demandas dos estudantes. Deste modo faz-se necessário um trabalho de reconhecimento e proximidade com os estudantes, para que os conteúdos trabalhados sejam significativos para eles, dando-lhes condições de compreenderem não somente o passado, mas, sobretudo, o presente.

O êxito deste projeto se deveu a um trabalho conjunto que foi resultado de uma apurada pesquisa bibliográfica, inúmeras correções e ajustamentos propostos pelas professoras orientadora e supervisora. Não queremos, pois dizer que não houveram problemas, mas o efeito da pesquisa e do planejamento minimiza os problemas práticos do professor, sendo esta uma das aprendizagens que desenvolvemos no PIBID.

Qualquer tentativa de dinamizar o ensino de História será sempre um desafio, como neste projeto trabalhamos com documentação em sala de aula percebemos que isto se apresenta como uma alternativa proveitosa para este ensino, pois cria espaço para o questionamento e a crítica, despertando outras habilidades. Para além da narração ou descrição de eventos históricos, poderíamos cair no perigo de trazer dados e acontecimentos sem despertar nos estudantes o senso crítico, a fonte histórica escrita por um contemporâneo do período estudado, foi um suporte fundamental para que as aprendizagens fossem

construídas em sala de aula. Com isto, o documento não se torna meramente uma fonte de informação, mas desperta a formulação de narrativas sobre ele.

A proposta de trabalhar com a narrativa foi bastante presente neste projeto, durante a execução da aula os estudantes iniciaram escrevendo um texto escrito, fizeram a leitura de cartas e por fim escrevem um e-mail como forma de avaliação, esta estratégia nos fez perceber o quanto a narrativa envolve a afetividade daquele que escreve, fato que se percebeu na medida em que os estudantes ficaram bastante motivados para contarem suas memórias. Neste sentido, este trabalho com documentos em sala de aula é proveitoso, pois não se restringe a compreensão dos estudos históricos, mas desperta a capacidade de narrar, de produzir textos e de ler criticamente, favorecendo a formação de sujeitos reflexivos e autônomos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil 1964 – 1985**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CRUZ, Fábio Lucas. **A História e as memórias do exílio brasileiro**. Revista Catarinense de História [on-line], Florianópolis, n.20, p.115-137, 2012. Disponível em: http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2020%20vers%20fin/f20%20art_dossie6_exilio_fabio%20cruz.pdf

Acesso em 05/09/2018 às 01:03

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, Denise Moura. **O trabalho com documentos para além do livro didático: O uso de fonte documentais no arquivo e em sala de aula**. 2011. Disponível em:

<http://www.webartigos.com/artigos/o-trabalho-com-documentos-para-alem-dos-livros-didaticos-o-uso-de-fontes-documentais-nos-arquivos-e-em-sala-de-aula/65751/> Acesso em:

06/09/2016 às 10:47

Biografia de Miguel Arraes de Alencar. Disponível em:

<http://www.pe.gov.br/governo/galeria-de-governadores/miguel-arraes-de-alencar/> Acesso em:

05/09/2018 às 01:06

REIS, Daniel Araújo. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. Rio do Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi. **História & Documento e método de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZONTA, Marinez Arruda & FERREIRA, Josiane Peres. **Afetividade e Educação: a relação professor/aluno interfere na preferência da disciplina?** VI EDUCERE. PUC-PR 2006.

Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-055-TC.pdf> Acesso em: 20/08/2017 às 10:20.